

Colóquio internacional / Colloque international

Mulher(es) e poder(es) / Femme(s) et pouvoir(s)

Université de Genève

Data: 23, 24 e 25 de abril de 2020

Organização:

CEL (centre d'études lusophones) e CHAM (centro de humanidades)

Organizadores: Nazaré Torrão, João Paulo Costa, Ana Maria Martinho

Passámos de uma história que silenciava completamente o papel das mulheres para conseguir estabelecer um ramo da história que se ocupa da mulher e, atualmente, num âmbito mais vasto, de género. Ao longo desse caminho colocou-se a questão da existência de uma história das mulheres e, num segundo passo, esta foi integrada na história das marginalidades e das minorias: dos pobres e dominados, dos colonizados, dos negros, dos homossexuais... É todavia uma margem muito numerosa: metade da população mundial! Desde os anos 1970 as pesquisas sobre o tema trouxeram-no para a vida académica, ainda que lutando contra a relutância que a conquista de um lugar igual para as mulheres sempre causou e continua a causar. A luta teve três vertentes: fazer aceitá-las como atoras da história, como tema de pesquisa e como pesquisadoras<sup>1</sup>.

Consequência do apagamento de que foram vítimas durante muito tempo pouco se soube do seu papel na história e, fruto da discriminação que sofreram e sofrem em muitas sociedades do mundo, a sua condição social sempre foi pior do que a do homem, não tendo sequer muitas vezes o poder de decisão sobre as suas próprias vidas, submetidas a pais, maridos e irmãos. Por conseguinte, o poder político, económico e religioso, foi-lhes vedado quase sempre e em quase todos os lugares ou, quando exercido, não teve o mesmo reconhecimento institucional que o dos homens. O tema continua a ser de atualidade, pois tanto na política, como na economia, na magistratura ou na religião, as mulheres continuam a ser minoritárias, em todos os países (ou mesmo excluídas), mesmo nos mais progressistas na sua legislação sobre a igualdade dos géneros. Isso porque Simone de Beauvoir continua a ter razão e a mulher continua a ser vista como alteridade em relação à norma – o homem: « La femme se détermine et se différencie par rapport à l'homme et non celui-ci par rapport à elle; elle est l'inessentiel en face de l'essentiel. Il est le sujet, il est l'Absolu : elle est l'Autre. »

A situação social da mulher melhorou muito ao longo do século XX, no entanto a luta social das mulheres continua, pois ainda não se conseguiu obter satisfação à mais emblemática e simples das reivindicações: “Salário igual para trabalho igual”. Com efeito, se se podem justificar os salários superiores dos homens pelo seu maior número com qualificações superiores e em postos de chefia, continua a haver uma média salarial inferior para as mulheres com uma diferença de ganhos importante inexplicada, tanto no setor privado como também no público. Assim, o acesso das mulheres ao poder tornou-se, pelo menos em aparência, uma meta social a atingir, símbolo de mudança progressista e esperança de uma mudança maior no sentido da igualdade.

---

<sup>1</sup> THÉBAUD, Françoise, (2007) *Écrire l'histoire des femmes et du genre*. ENS Éditions.

Contudo a que nos referimos quando falamos de poder? Já referimos o poder político, económico e religioso, mas, ainda que importantes, estes não esgotam a noção de poder. A presença da mulher na sociedade e a influência que nela exerce revestem outras formas: exprimir-se publicamente<sup>2</sup>, a expressão literária e artística, o poder de influência em variadíssimos domínios e ainda na única esfera a que o poder feminino é frequentemente associado ao longo da história e na maioria das culturas – a família e a casa.

A questão do poder é, pois, ambígua. Para se ter poder, tem que se poder imaginar tê-lo, como diz Virgílio “Eles podem porque pensam que podem” e à mulher esse pensamento esteve-lhe vedado durante muito tempo. Que ficou dessa negação ancestral do poder feminino? Soube adaptar-se e escolher outros caminhos, tortuosos, para o exercer? O poder exercido no feminino tem a mesma natureza que o poder exercido pelos homens? As mulheres desejam o poder? Para quê? Muitos dos estudos de sociologia sobre o tema revelam que a maioria das mulheres tem uma imagem negativa do poder, associando-o a solidão e a tramas e intrigas pouco dignificantes<sup>3</sup>. Por outro lado, a mulher com poder ou desejo de poder é frequentemente malvista pela sociedade<sup>4</sup>, contrariamente ao homem, e com necessidade de se justificar pela posição que ocupa. A sua vida privada é dissecada, a sua aparência é sobrevalorizada em relação às suas ações e as suas motivações não são vistas como nobres nem legítimas a não ser que se norteiem pelo sacrifício pela comunidade ou família.

Apesar de tudo, a história regista várias mulheres que, aproveitando de circunstâncias diversas e por força de vontade própria, conseguiram contrariar o destino e atingir o poder político, económico ou outro.

Neste colóquio internacional pretendemos tratar numa perspetiva transdisciplinar a questão da(s) mulher(es) e do(s) poder(es), ao longo da história e no presente, nos países de língua portuguesa.

#### **Eixos a abordar:**

A mulher face ao poder (de estado, religioso, económico, masculino)

Mulheres de poder

A escrita (de mulher) como contestação ao poder

A arte (realizada por mulheres) e o poder

Empoderamento feminino e luta social de classes

Vida privada e vida pública – o poder escondido

O poder de influência

**Línguas do colóquio:** português, francês

3 dias de trabalho

---

<sup>2</sup> A esse respeito é muito interessante a obra de Mary Beard, *Les femmes et le pouvoir. Un manifeste*, Paris: Perrin, 2018 (traduzido do inglês, *Women & Power. A manifesto*, 2017).

<sup>3</sup> Viviane de Beaufort, « Femmes et pouvoir : le grand tabou », [https://www.huffingtonpost.fr/viviane-de-beaufort/femmes-pouvoir-grand-tabou\\_b\\_3946724.html](https://www.huffingtonpost.fr/viviane-de-beaufort/femmes-pouvoir-grand-tabou_b_3946724.html), consultada a 22.07.2019.

<sup>4</sup> THÉBAUT, Françoise, (2007) *Écrire l'histoire des femmes et du genre*. ENS Éditions, p. 37.

Duração das comunicações: 20 minutos, seguidas de 10 minutos de discussão

**Comissão científica:**

João Paulo Costa (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)

Ana Maria Martinho (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)

Nazaré Torrão (CEL – Centre d'Études Lusophones e Unité de Portugais, Université de Genève)

Alexander Keese (Département d'Histoire Générale, Université de Genève)

Isabel Araújo Branco (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)

Maria Dávila (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)

**Por favor, enviar as propostas de comunicação com um título, resumo entre 200 e 350 palavras, nota biográfica, até 10 de janeiro, para Nazaré Torrão, Ana Maria Martinho e João Paulo Costa.**

Nazaré Torrão – [Nazare.Torrao@unige.ch](mailto:Nazare.Torrao@unige.ch)

Ana Maria Martinho – [ana.martinho@fcsb.unl.pt](mailto:ana.martinho@fcsb.unl.pt)

João Paulo Costa – [jpcosta@fcsb.unl.pt](mailto:jpcosta@fcsb.unl.pt)